



DOCUMENTÁRIO SERGIO MOURA, VIDA E ARTE VOAM JUNTOS

DOCUMENTAL SERGIO MOURA, LA VIDA Y EL ARTE VUELAN JUNTOS

DOCUMENTARY SERGIO MOURA, LIFE AND ART FLY TOGETHER

Regiane Bressan¹
PPGARTES-UNESPAR
gianebressan69@gmail.com

Salete Paulina Machado Sirino²
PPGARTES-UNESPAR
saletems@uol.com.br

Resumo

Neste artigo, pretende-se apresentar uma reflexão sobre o cinema documentário no processo de desenvolvimento de um filme que se propõe a lançar um olhar singular sobre a vida e a arte de Sergio Moura, em uma perspectiva de promover o acesso ao processo criativo do artista ao revisitar lugares, trabalhos guardados, seus projetos Praça da Arte, Artshow, Sensibilizar, e a urgência de cultivar a sensibilidade criadora com a complexa e imprevisível realidade brasileira a partir dos referenciais teóricos. Assim, apresentamos uma imersão em sua memória, dirigida por momentos que levaram Sergio Moura ao reencontro das suas ações entrelaçadas com a arte e a vida na linha do tempo, e na possibilidade de invocar a Arte para expandir o caminho a ser trilhado com liberdade na projeção dos pensamentos da vida no coletivo.

Palavras-chave: Arte, Coletivo, Cinema, Documentário, Sergio Moura.

¹Artista Visual. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Artes UNESPAR. Brasil.

²Doutora em Letras pela UNIOESTE. Pesquisadora Docente, Reitora da UNESPAR. Brasil.



Resumen

El objetivo de este artículo es presentar una reflexión sobre el cine documental en el proceso de desarrollo de una película que pretende dar una mirada única a la vida y el arte de Sergio Moura, con el fin de promover el acceso al proceso creativo del artista, revisitando lugares, obras almacenadas, sus proyectos Praça da Arte, Artshow y Sensibilizar, y la urgencia de cultivar la sensibilidad creativa con la compleja e impredecible realidad brasileña, a partir de referencias teóricas. Así, presentamos una inmersión en su memoria, guiada por momentos que llevaron a Sergio Moura a redescubrir sus acciones entrelazadas con el arte y la vida en la línea del tiempo, y la posibilidad de invocar el Arte para ampliar el camino a recorrer con libertad en la proyección de los pensamientos de la vida en lo colectivo.

Palabras clave: Arte, Colectivo, Cine, Documentario, Sergio Moura.

Abstract

This article aims to present a reflection on documentary cinema in the process of developing a film that proposes a unique look at the life and art of Sergio Moura, from a perspective of promoting access to the artist's creative process by revisiting places, archived works, his projects Praça da Arte, Artshow, Sensibilizar, and the urgency of cultivating creative sensibility with the complex and unpredictable Brazilian reality based on theoretical frameworks. Thus, we present an immersion in his memory, guided by moments that led Sergio Moura to rediscover his actions intertwined with art and life along the timeline, and in the possibility of invoking Art to expand the path to be trodden with freedom in the projection of life's thoughts into the collective.

Keywords: Art, Collective, Cinema, Documentary, Sergio Moura.



Introdução

Este artigo trata da proposta de investigação e elaboração de um documentário sobre o processo criativo do artista Sergio Moura. O reconhecimento do valor de sua obra tem raízes a partir de encontros e projetos do grupo ARTIXX³, coordenado pelo artista, que ressaltou a importância de encontrar novos caminhos para expressar a experiência vivida, incentivando artistas a romper com as barreiras tradicionais e a explorar novas formas de engajamento com o público, além de reconhecer a importância das experiências e das interações que ocorrem ao longo do desenvolvimento de uma obra, destacando que o ato de criar é tão significativo quanto o resultado final. O uso de diferentes recursos e meios encoraja a exploração e a inventividade, com foco nos processos criativos, e não apenas nos produtos finais, valorizando, assim, o percurso artístico. Essa abordagem dinâmica não apenas enriquece o trabalho artístico, mas também estimula o público a pensar criticamente sobre as obras e suas próprias experiências, conforme enfatiza o ARTIXX,

“Voltado aos processos produtivos da arte contemporânea, incluindo a música, o teatro, a poesia, o vídeo, o cinema, a literatura, a moda e a arquitetura, proclama que todas as possibilidades são válidas para se encontrarem novos caminhos, para expressar a experiência vivida e para dar vazão ao processo criador.”⁴

Nesse sentido, a multimídia se torna um meio poderoso para dar voz a narrativas diversas, permitindo que as experiências individuais e coletivas sejam compartilhadas de maneira mais ampla e impactante. A música pode dialogar com o vídeo, a poesia pode ser incorporada em instalações multimídia, e a arquitetura pode ser pensada como um espaço de performance. Cada uma dessas áreas traz suas particularidades e técnicas, mas, ao mesmo tempo, elas se alimentam mutuamente, enriquecendo o processo criativo e ampliando as possibilidades de interpretação e fruição da obra.

Além disso, a liberdade de expressão, promovida pelo ARTIXX, foi fundamental para o florescimento de ideias inovadoras e para a afirmação de uma ampla gama de recursos para a criação artística. Nesse momento, via-se Sergio Moura como um mestre, dividindo toda a sua experiência com artistas que acreditavam na arte entre pessoas. Sim, este era o lema do ARTIXX, Arte Entre Pessoas.

Em dezembro de 2021, foram selecionados alguns vídeos filmados de Sergio Moura em 2017, na ação OLHA A RUA. Esses vídeos motivaram a realização da montagem de um curta-metragem e a apresentação para ele da atitude que sempre apresentou diante das situações difíceis da vida, a preocupação com o convívio entre as pessoas na forma coletiva e de propostas para tirar a mordida que o sistema usava para oprimir no dia a dia. Suas propostas

³ Em 2011, o Grupo ARTIXX era formado por Sergio Moura, Carla Teodorovicz, Giovana Casagrande, Regiane Bressan e Rogério Guiraud.

⁴ ARTIXX. Carta de princípios-Manifesto. Disponível em <https://artixxaoarlivre.blogspot.com/>



reforçaram provocações rumo à ruptura e ofereciam a poesia nos encontros entre as soluções e as diferenças, mostravam o quanto a censura enclausurava de forma que as pessoas adoeciam e não percebiam que eram mantidas reféns nesse ciclo infinito.

Para Sergio Moura, a arte não poderia se limitar a um objeto, embora também adorasse a fatura da pintura. Duas situações foram fundamentais para ele no desenvolvimento da sua vida com a arte, uma foi a educação e, ao conhecer a Fayga Ostrower, sentiu que estava fazendo a escolha certa, e sempre lembra de suas palavras: “*o Brasil, pela desigualdade que tem, não pode se dar ao luxo de desprezar a função do artista no campo educacional*”, uma forte referência em sua vida de artista educador. Com a educação, entrelaçou as ações sociais, ações performáticas e de rua ao encontro com as pessoas, provocando-as para um diálogo mais profundo sobre a condição humana e suas múltiplas expressões. A outra situação foi perceber que precisava organizar sua produção artística e passar a fazer exposições, um passo significativo no desenvolvimento da sua carreira como artista. Sergio Moura acrescenta:

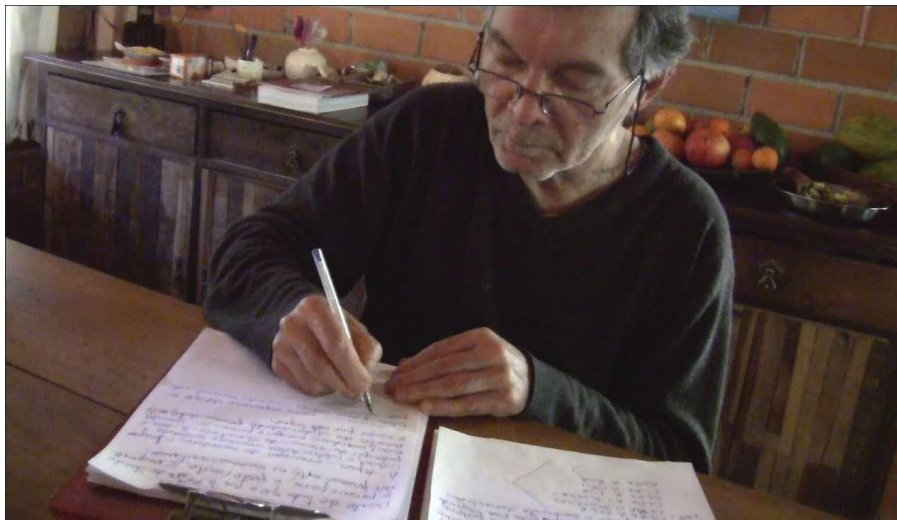
*“A minha primeira exposição em Curitiba foi em (19)82, nove anos depois de ter chegado aqui.[...] Eu acho que isso é uma parte importante da minha trajetória, ter percebido isso, a necessidade de construir essa produção no dia a dia, com muita serigrafia, muita pintura, muito desenho e tal, sem esquecer do campo social, da ação mais de guerrilha, que vai contra a sociedade, que vai provocar a sociedade na rua”.*⁵

Logo, sua percepção com a produção artística, a educação, sem esquecer do social nas ruas, e a cada ano ou momento difícil que se apresenta atualizam-se, pois a sua capacidade em convocar a arte para projetar diálogos ainda era muito forte, onde limites são desafiados e novas realidades podem ser imaginadas e vivenciadas. Nesse momento, a linha invisível da história da arte desce em movimentos, dançando no céu, no centro da Terra, onde encontramos Sergio Moura em seu atelier, escrevendo novas ações em pleno século XXI.

5 Moura, S. Retirado de Malmaceda, L. B. “O Eixo Sul Experimental: conceitualismo e contracultura nos cenários artísticos de Curitiba e Porto Alegre, anos 1970” (p.269-270).



FIGURA 1. Sergio Moura escrevendo manifesto Olha a Rua (2017).



Fonte: Arquivo Regiane Bressan

O vídeo digitalizado ARTSHOW⁶, recebido das mãos de Sergio Moura, em 2022, foi inspirador, promovendo a sensação de que, ao narrar as cenas projetadas, ele estava vivenciando novamente toda aquela semana experienciada em 1978. Neste momento, foram iniciadas as gravações definidas por um pré-projeto planejado para o Mestrado Profissional em Artes, oferecido na UNESPAR. A partir deste momento, foi desenhada uma janela com a possibilidade de abri-la ao apresentar para Sergio Moura e Priscila Sanson, sua companheira de vida e arte, com uma grande participação da artista Carla Teodorovicz, o projeto que seria enviado para o mestrado. Com a aprovação de ambos, houve a certeza de que a arte e a vida estão entrelaçadas. Que é possível respirar e ver arte em todo lugar. Realizar o registro de uma memória brilhante tornou-se o propósito. Buscou-se, então, uma ferramenta que possibilitaria desenvolver a disseminação da pesquisa realizada sobre o processo criativo e dos relatos a partir dos materiais já gravados com o artista Sergio Moura, o documentário.

Após o projeto ser aprovado no Programa de Pós-Graduação em Artes da UNESPAR, a linguagem cinematográfica, na disciplina eletiva Cinema Brasileiro: da criação à difusão, ministrada pela professora de cinema Salete Machado Sirino, promoveu o entendimento de que seria possível comunicar com delicadeza o quão forte é a vida na arte. Seminários realizados com reflexões dos filmes e dos conceitos apresentados por diretores do cinema brasileiro, a trajetória e a importância dos movimentos realizados por estes pensadores da sétima arte são refletidos até hoje. Tal observação pode ser exemplificada com palavras de Deleuze (2018):

6 Vídeo filmado inteiramente em Super-8 e digitalizado pelo pesquisador Newton Goto para o projeto Circuitos compartilhados (2008).



“A imagem cinematográfica é sempre individual. A razão última disso é que a tela, enquanto quadro dos quadros, confere uma medida comum àquilo que não a tem, plano distante de paisagem e primeiro plano de rosto, sistema astronômico e gota de água, partes que não apresentam um mesmo denominador de distância, de relevo, de luz. Em todos esses sentidos, o quadro assegura uma desterritorialização da imagem”.

Deleuze, 2018: 33

Algumas imagens são quadros que representam janelas abertas na dimensão de outro mundo. Mundo imaginário. O documentário é uma destas janelas, e possibilita esse processo mágico que encanta ao revelar o registro de um momento que passou. Que não poderá ser vivido novamente, não igualmente. Eterniza o momento. Formaliza o processo. Comunica a eternidade. A arte celebra o amor com a vida. Guarda a vida em um disco rígido⁷ ou disco óptico⁸, ao deixar o tempo tomar conta, ultrapassa os limites guardados em processos. O tempo distorce, altera sua cor, a luminosidade, a sensação, o olhar. Ultrapassa a realidade ao diluir formas ali contidas e inseri-las num novo espaço, com aparência de ser feita sem esforço.

O documentário fílmico e alguns conceitos

Como destacado inicialmente, neste projeto, o propósito é apresentar o processo de desenvolvimento de um filme sobre a vida e a arte de Sergio Moura em uma nova perspectiva de exposição e promover o acesso ao processo criativo do artista. Para a construção narrativa e abordagem do documentário, com a preocupação em deixar Sergio Moura falar livremente sobre os temas levantados, vamos abordar alguns conceitos do documentário, enquanto linguagem audiovisual, identificado em Aumont (1995) e Dubois (2004), que referendam a possibilidade de trazer as lembranças fortes que possuem visões sobre a vida e a produção artística, as quais ilustram o que foi realizado no período de 1977 a 1987.

A reflexão sobre o cinema documentário baseou-se nas teorias de Bazin (1991) e Deleuze (2007 e 2018), na elaboração e no desenvolvimento da linguagem cinematográfica e as tendências contemporâneas do cinema documentário que prolongam ou renovam uma arte, neste caso, a arte de Sergio Moura. Lumet (1998), diretor de cinema, produtor e roteirista, relata cada etapa do seu processo na realização de um filme, desde a seleção do roteiro até o corte final, não apenas os aspectos técnicos, mas também os desafios emocionais e psicológicos com os quais se deparou com narrativas e intensos estudos de personagens e reflexões tocantes sobre questões morais e sociais. Já Nichols (2010) define que os documentários são uma forma rica e diversificada de narrativa audiovisual que pode ser categorizada em diferentes modos, cada um com suas características e intenções: expositivo, participativo, observativo, reflexivo, performático e poético. Apresenta a compreensão das questões éticas envolvidas na produção

⁷ É um hardware usado para armazenar conteúdo digital e dados em computadores.

⁸ É um dispositivo de entrada usado em equipamentos computacionais e equipamentos de entretenimento para reprodução de sons e vídeo.



de documentários, a diferenciação entre documentários e filmes de ficção, o impacto e a importância dessa forma de arte na sociedade contemporânea.

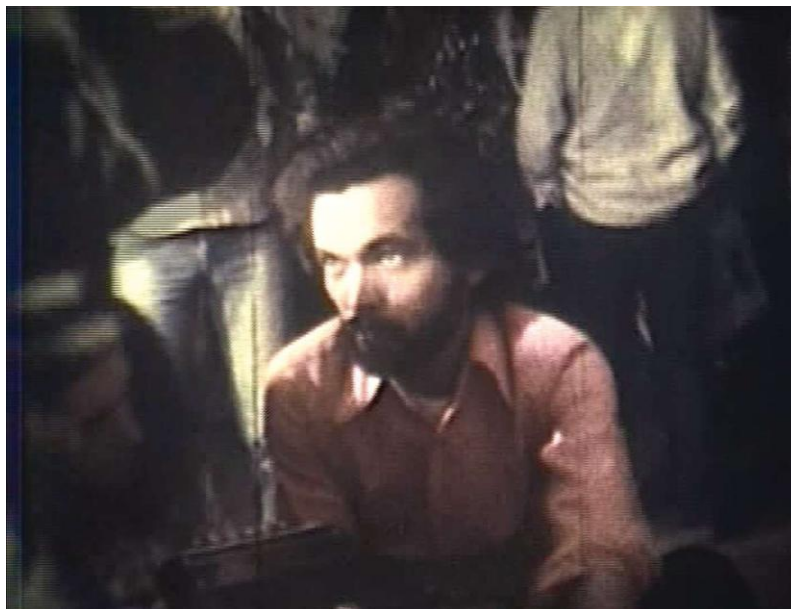
Aplicando essa categorização de Nichols (2010) ao documentário sobre Sergio Moura, podemos dizer que algumas tomadas de decisão, ainda na fase de argumentação, levaram a uma narrativa que pode ser classificada como participativa e reflexiva. Durante as gravações, por exemplo, foram possíveis intervenções diretas dialogadas entre entrevistado e entrevistadora antes de iniciar a gravação, para que não fosse necessário pausar a filmagem.

Todo esse processo de diálogo foi registrado e utilizado na edição final com o intuito de conduzir o espectador a ser testemunha das ações e oferecer um outro olhar a respeito do processo criativo de Sergio Moura (Dubois, 2004: 44-45). A diversidade de pensamentos que convergem e divergem a respeito de temas como a falta de comunicação entre alunos de dois cursos na mesma instituição, promover o diálogo imediato com o público em trânsito e os artistas na relação de troca, provocados à expectativa da participação do público por meio da criação estética coletiva e provocar a sensibilização dos transeuntes, priorizando as particularidades de um local da cidade para promover uma reflexão poética na rotina cotidiana dos cidadãos no período da ditadura militar, tornam também a construção narrativa do documentário reflexivo.

Considerando realizar uma análise mais profunda e precisa sobre os fatos, com a finalidade de compreender a conexão que existe entre a história individual de Sergio Moura com a história da sociedade no período em que desenvolveu sua linguagem, momento em que iniciou a sua forma de expressar o seu olhar crítico por meio da arte, a narrativa se desenvolverá mais precisamente nos projetos Praça da Arte, Artshow e Sensibilizar. Dessa forma, o trabalho deste artista contempla o coletivo carregado de teor crítico devido à persistência em realizar projetos relacionais e vivenciais, frequentemente transitórios, ao longo dos anos no campo artístico em geral, ocorridos durante o período ditatorial militar. Para ilustrar um dos projetos citados, segue abaixo uma imagem retirada do vídeo filmado inteiramente em Super-8, Artshow, digitalizado pelo pesquisador Newton Goto, no momento em que Sergio Moura estava conversando com as pessoas que paravam na Galeria Júlio Moreira.



FIGURA 2. Frame do vídeo ARTSHOW(1978).



Fonte: Arquivo Sergio Moura

Para garantir uma relação de confiança e relação aberta com Sergio Moura, a narrativa se desenvolverá por meio da técnica entrevista aberta. Pretende-se registrar os depoimentos espontâneos, com emoção e sentimentos durante a fala e expressão corporal do artista com duas filmadoras, com a finalidade de realizar a transcrição do conteúdo (Lumet, 1998: 71).

Em complemento ao material de pesquisa a ser produzido, será utilizada a filmagem dos depoimentos de Sergio Moura para a produção do documentário, com foco na memória de suas ações em movimentos e encontros artísticos de vanguarda que retratam uma fase importante de sua trajetória de criador, pela força poética de suas ideias, marcadas pelo imaginário dos movimentos sociais, políticos e artísticos.

Paralelamente, serão levantados os documentos como reportagens antigas, entrevistas com pessoas que conhecem o artista, publicações sobre Sergio Moura, realizadas por meio de pesquisas, para análise comparativa com os fatos relatados, possibilitando aprofundar nas intenções emotivas, adquirindo sentido a partir das ações e relações. Portanto, o documentário será realizado por meio da escuta do relato livre de Sergio Moura, pois existe pouco material sobre a vida e a obra deste artista. Neste caso, como um artista com tamanha preocupação em projetar a arte que está dentro das Instituições⁹ para fora, oferecendo o diálogo da sociedade transeunte com a arte, não é conhecido no Brasil?

Em vista disso, pretende-se apresentar, com sutileza, a maneira como o olhar se relaciona com o tempo e apresentar o envolvimento com o mundo imagético, acompanhada do processo estabelecido pelo tempo na janela aberta pela arte. Mudar. Reencontrar a forma daquilo que está

9 Escolas, Faculdades, Museus, Galerias, Atelier, Teatros, Cinemas.



em torno do mundo imagético para modificar e inserir em um novo espaço o qual está além da realidade palpável e física (Aumont, 2004). A imagem está na realidade que nasce da memória, uma realidade na qual tudo é possível. Segundo Aumont, cada imagem na superfície, mesmo que pouco visível, pode revelar imagens interiores da alma, imagens que ficam na imaginação.

“Figurar o ar, a atmosfera, (...) a luz, dar conta destes fluidos misteriosos, foi uma das obsessões da pintura até o momento em que, com o impressionismo e sobretudo com Cézanne, a lógica da sensação toma conta de tudo, e permite, enfim, pintar, com um mesmo movimento, tanto as coisas ‘definidas’ quanto esse ‘indefinido’ que as rodeia e as liga. (...)”.

Aumont, 2004: 226

Nesse sentido, a qualidade das imagens obtidas no processo é determinante na projeção. Porém, não se pode concluir que seja mais importante que a linguagem ou o processo de produção do trabalho; a qualidade do registro é fundamental na concepção que o resultado alcançará, *“fazer o filme seguir o seu próprio sentido, o de uma preocupação reconhecida e consciente do visual em todos os estados, coisas e ‘entre-as-coisas’* (Aumont, 2004: 226).

Este mundo está além da realidade palpável e física, a realidade que nasce da pintura, realidade imagética onde tudo é possível para Sergio Moura. Diluir as formas do que está ao redor, modificar e inserir num novo tempo o espaço e o lugar, utilizar sua interferência em diferentes momentos através de ações e apresentar, ao mesmo tempo, a imagem ampliada na profundidade da memória para registrar o tempo vivido.

Revelar a ação do tempo no registro dos relatos de Sergio Moura, ao navegar na lembrança dos momentos vividos, acrescenta algo à imagem que trabalha em contratempo, do qual surgem janelas abertas que se misturam, o processo e a memória, mas nunca se confundem, pois o processo, muitas vezes é realizado em um tempo diferente da imagem resgatada, oferecendo, assim, um novo significado àquela imagem no momento da montagem. Segundo Deleuze (2018):

“A montagem é a composição, o agenciamento das imagens-movimento enquanto constituem uma imagem indireta do tempo. Ora, desde a mais antiga filosofia há muitas maneiras pelas quais o tempo pode ser concebido em função do movimento, em referência ao movimento, de acordo com composições diversas”.

Deleuze, 2018: 56

À vista disso, na função que une passado e presente, entra-se, novamente, de uma outra maneira, no tempo consumido do passado, automaticamente uma atualização de sentidos e valores, ao fazer uma relação com o momento presente. Ultrapassar limites e alterar as barreiras do tempo no caminho idealizado, sonhado. Iniciar processos com a imagem e acompanhar o desenvolvimento, sem esperar o resultado final, pois a vida está em constante movimento. Essa linguagem é o cinema, que amplia a comunicação, com a projeção de



imagens que expressam e sugerem diferentes materiais no processo, com uma escolha de recomeço. (Bazin,1991: 67)

A execução do projeto visa oferecer ao observador o envolvimento com o mundo imagético acompanhado das cores que evidenciam o ambiente, o Atelier, “Palácio da Memória”¹⁰, sob uma perspectiva com profundidade. A sensação de movimento nas imagens representa um momento de vida que passou e, ao acessar a memória, com sutileza, possibilita um novo enquadramento: mudar a relação com o mundo imagético, lembrar, ver e viver o mundo através das janelas da arte, por meio da montagem. Deleuze (2018) destaca que,

“Do começo ao fim de um filme, algo muda, algo mudou. Mas esse todo que muda, este tempo ou esta duração, parece poder ser apreendido apenas indiretamente, no que diz respeito às imagens-movimento que o exprimem. A montagem é essa operação que recai sobre as imagens-movimento para extrair delas o todo, a ideia, isto é, a imagem do tempo”.

Deleuze, 2018: 55

Nessa perspectiva, as cenas foram captadas por meio das experimentações, criando assim estruturas e problemas compositivos onde aparecem os elementos pictóricos. As mudanças no processo ocorreram para aumentar a possibilidade de variação de resultados na montagem, o que proporcionou condições de adquirir a diversidade para desenvolver a criação (Deleuze, 2018: 206-207).

Desse modo, Porter (2005) ressalta que o documentário, além de informar, também dá voz a grupos e histórias que muitas vezes são marginalizadas ou silenciadas na sociedade. Essa multiplicidade de vozes enriquece o debate e amplia a compreensão do mundo. E destaca a singularidade e a eficácia do documentário como meio de comunicação:

“Antes de termos câmeras, microfones e dispositivos de gravação, tínhamos coisas como imagens pintadas, a palavra falada e pintada, e também o canto, a dança e o ritual. Tínhamos meios de expressão. [...] Eu diria que esta necessidade humana de se comunicar tem sido a nossa característica mais definidora, e a ferramenta básica e essencial para a evolução da sociedade humana”.

Porter,2005: 45

Há a necessidade de uma construção de olhar para o processo criativo, para os espectadores olharem para si e que entendam o documentário de uma maneira mais aberta a possibilidades, a partir de projetos que propõem a formação de públicos para o cinema, por meio da educação. Conforme apresenta Sirino (2020), em Cinema Brasileiro na escola:

10 Sugestão do Prof .Dr. Hertz de Camargo na Banca de Qualificação, maio de 2024.



“Ao colocar o Cinema Brasileiro na escola, a Lei 13.006/2014 suscita uma série de problemas e discussões, tais como a instrumentalização dos professores para a utilização educativa do cinema e o acesso à produção audiovisual brasileira. Em vista disso, cabe discutir os critérios de escolha dos filmes, a formação do público, a qualidade da exibição, conhecimentos não verbais vinculados ao som, à imagem e ao movimento, entre outras cognições”.

Sirino, 2020: 14.

A afirmação de Sirino (2020) sobre o potencial de projetos de extensão voltados para o ensino do Cinema Brasileiro destaca a importância de proporcionar aos estudantes de graduação e pós-graduação experiências práticas e teóricas que enriqueçam sua formação (Sirino, 2020: 16). Os projetos de extensão oferecem experiências didáticas sobre cinema e são fundamentados na capacidade das iniciativas de enriquecer a formação dos estudantes. Por meio de técnicas metodológicas e da leitura crítica, esses projetos não apenas promovem o ensino do Cinema Brasileiro, mas também contribuem para a formação de profissionais mais críticos e conscientes, capazes de dialogar com as complexidades da cultura audiovisual contemporânea. (Sirino, 2020: 17)

Em conformidade com a Lei 13.006/2014, a importância dos projetos de extensão universitária que envolvem o ensino e a experiência prática com o cinema, tanto para estudantes de graduação quanto de pós-graduação, a partir de iniciativas que promovem a interação entre a universidade e a comunidade, permite que o conhecimento acadêmico seja aplicado em contextos reais. No caso do cinema, esses projetos podem oferecer aos estudantes a oportunidade de desenvolver habilidades práticas e teóricas. O ensino do cinema brasileiro é especialmente relevante, pois permite que os alunos explorem a cultura nacional, a diversidade de histórias e representações, além de refletirem sobre questões sociais, políticas e históricas. Uma leitura crítica envolve não apenas uma apreciação estética, mas também uma análise das implicações sociais e culturais das obras. (Sirino, 2020: 16)

Ao contar histórias que celebram a vida e a diversidade, o cinema não apenas ajuda a manter viva a memória coletiva, mas também promove uma compreensão mais rica e complexa da experiência humana. Os documentários desempenham um papel vital na sociedade, funcionando como testemunhas da verdade e preservadores da memória cultural (Porter, 2005: 51). *“Muitos documentários se originam dos corações e mentes de artistas com um senso de responsabilidade social, que têm considerado o fato de fazer filmes parte do instrumental para a mudança social”* (Porter, 2005: 45)

A referência nesses aspectos são os filmes “Eu te saúdo, Sarajevo” e “Na Escuridão do Tempo”, ambos do diretor francês Jean-Luc Godard. No primeiro filme, “Eu te saúdo, Sarajevo”, 1993 (*Je Vous Salue, Sarajevo*, no original), Godard divide uma imagem em várias cenas, apresentando uma história em 2 minutos. *“Uma reflexão sobre a cultura europeia, nacionalismos e a guerra da Bósnia, a partir de uma foto de guerra do fotógrafo Ron Haviv”* (Almeida, 2011).



FIGURA 3. Frame do filme “Eu te saúdo, Sarajevo”.



Fonte: Jean-Luc Godard, 1993. In: Youtube.

Texto, narração e direção de Jean-Luc Godard:

*“De certa forma, medo é a filha de Deus, redimida na noite de Sexta-Feira Santa. Ela não é bela, é zombada, amaldiçoada e renegada por todos. Mas não entenda mal, ela cuida de toda agonia mortal, ela intercede pela humanidade. Pois há uma regra e uma exceção. Cultura é a regra. E arte a exceção. Todos falam a regra :cigarro, computador, camisetas, TV, turismo, guerra. Ninguém fala a exceção. Ela não é dita, é escrita: Flaubert, Dostoyevski. É composta: Gershwin, Mozart. É pintada: Cézanne, Vermeer. É filmada: Antonioni, Vigo. Ou é vivida, e se torna a arte de viver: Srebrenica, Mostar, Sarajevo. A regra quer a morte da exceção. Então a regra para a Europa Cultural é organizar a morte da arte de viver, que ainda floresce. Quando for hora de fechar o livro, Eu não terei arrependimentos. Eu vi tantos viverem tão mal, e tantos morrerem tão bem ”.*¹¹

Com a combinação de trechos literários e a montagem sequencial de "Blood and Honey" (Bijeljina, Bósnia, 1992), série de fotografias do fotógrafo norte-americano Ron Haviv, Godard articula, em simultâneo, a música *Silouans' Song* de Arvo Pärt, e uma fala que une textos seus e de outros autores - texto citado acima -criando um exercício poderoso de reflexão sobre os campos da cultura e da arte. “*Afirma que cultura pertence ao âmbito do que é norma, enquanto*

11 Texto de citações literárias narrado por Jean-Luc Godard, no vídeo de 2 minutos exibido na 29ª Bienal de São Paulo, com o tema “Arte e Política”.



arte é parte daquilo que produz dissenso. E assim como é da natureza da regra suprimir a exceção, seria da natureza da cultura sufocar a arte.” (Anjos, 2015: 234)

O segundo filme, “Na Escuridão do Tempo”, 2002 (*Dans Le Noir Du Temps*, no original), de Jean-Luc Godard:

FIGURA 4. Frame do filme “Na Escuridão do Tempo”.



Fonte: Odyssey Films. In: Youtube.

Godard, ao mesclar imagens de arquivo e filmes de diversos cineastas, incluindo os seus, oferece uma reflexão profunda sobre a condição humana e sobre o fim em suas múltiplas dimensões. Por meio dessa montagem, o filme não apenas revisita momentos históricos e artísticos, mas também convida o espectador a contemplar temas universais que permeiam a experiência humana (Puppo; Araújo, 2015). O curta tem a duração de 10 minutos e 23 segundos, e está incluído na compilação “Dez Minutos Mais Velho – O Cello”, 2002 (*Tem Minutes Older-The Cello*, no original).

Esses trabalhos não apenas registram eventos históricos, mas também atuam como mediadores entre o passado e o presente, garantindo que as experiências humanas sejam lembradas e refletidas. Papel fundamental que obras artísticas, documentais e cinematográficas desempenham na sociedade. Essa função é essencial para fortalecer a identidade cultural e fomentar um diálogo contínuo sobre os desafios e alegrias da vida (Porter, 2005: 51).

Processo criativo de Sergio Moura

Embora o documentário geralmente busque apresentar fatos e realidades, ele também pode incorporar elementos subjetivos. A seleção de informações, o estilo de filmagem e as escolhas de edição podem refletir a visão do diretor, tornando a obra não apenas informativa, mas também uma interpretação artística da realidade (Ramos, 2008: 37). Segundo Ramos (2008), a unidade da narrativa documentária é



“algo muito próximo daquela que chamamos filme: uma unidade narrativa enunciada numa duração temporal variável, mas una, sendo veiculada ao espectador enquanto unidade. O documentário, portanto, é um filme no modo que possui de veicular suas asserções e no modo pelo qual as asserções articulam-se enquanto narrativa com começo e fim em si mesma”.

Ramos, 2008: 37.

Nessa perspectiva, dividir o filme nas fases, nos projetos, pensamentos, reflexões, inquietações, um relato e uma série de observações com a voz do Sergio Moura, resultam em imagens encontradas e editadas das quais foram filmadas em formato digital nas câmeras *Canon* e *Panasonic*, e as fotografias do acervo do artista. O arquivo não é fabricado. Na montagem, a escolha do tempo, do momento apresentado, foi um novo tempo cronológico. Procurou-se apresentar a narrativa respeitando a sequência temporal baseada nas informações relatadas por Sergio Moura. O momento de cada corte, a edição do material registrado para a composição poética da realidade vivida e narrada por Moura. Muita coisa que não foi encontrada nos arquivos, buscou-se no atelier do Sergio ao gravarmos as suas recordações. Nesses momentos, novos fatos eram expostos e gravados. Documentos muito bem guardados e revelados para a surpresa do artista. Momento este dirigido por muita emoção ao revisitar em sua memória recortes de lugares e trabalhos guardados.

Com a decisão de trabalhar somente com arquivos, foi preciso realmente conhecer todos por inteiro, para que o projeto tivesse uma ideia de como apresentar grande parte dos arquivos, dando, assim, uma nova vida às memórias [lembranças] dos projetos realizados e vividos por Sergio Moura. Isso possibilitou transitar no processo criativo e dialogar com a sua memória na montagem das imagens e dos áudios, em camadas, igualmente às camadas selecionadas pelo próprio artista de suas lembranças marcadas com a melodia de sua voz. A direção deste caminho trilhado durante as gravações foi realizada no sentido de dar liberdade para que Sergio Moura navegasse na linha da história percorrida por ele, serigrafando sua marca na Arte.

Cada encontro realizado para as entrevistas foi uma imersão no processo criativo do artista Sergio Moura. Nesse lugar, ele reencontrou registros de momentos vividos ao caminhar pelo Palácio da Memória, e tivemos a oportunidade de perceber a vida deste artista entrelaçada com a arte no seu dia a dia. Em vários momentos citou seu diálogo com a vida e a arte e descreveu que o sentido da vida é ver a grandeza da arte em tudo que faz. Seus momentos reflexivos estão em cada movimento executado, seja ao descer a escada ou fazer o pão, a lenha colocada no fogão a lenha para assar aquela massa que cresceu no ritmo do processo realizado pelo fermento. Nesse curto espaço do tempo, aproximadamente uma hora, Sergio Moura, ao respeitar este tempo que o fermento precisa para ligar os ingredientes, oferece a temperatura necessária para o melhor desenvolvimento dos ingredientes até o momento da entrada no forno. E completa dizendo *“A vida nos apresenta ingredientes para várias realizações, e*



cabe a nós escolhermos as combinações para os movimentos propostos por nós ou para resolver situações inesperadas”¹².

Documentário “Sergio Moura, Vida e Arte voam juntos”

O esboço do documentário foi realizado em dezembro de 2021 com a edição de alguns vídeos gravados no ano de 2017. A partir de janeiro de 2022, após Sergio Moura aprovar a realização do documentário, foram realizadas algumas reuniões por videoconferência pela plataforma Zoom, pelo motivo da pandemia do Covid-19. As reuniões duravam de uma a duas horas.

Nesse período, Sergio Moura iniciou mudanças na estrutura do seu atelier, o Palácio da Memória. Mudou alguns móveis de lugar. Essas alterações foram realizadas a partir de fevereiro de 2022, e até hoje, 2025, com menos frequência, mas com grande significado, encontramos alterações de alguns móveis, a exposição de serigrafias que estavam guardadas, para a apreciação do artista e de todos que ali entrarem. Nesse tempo foi muito importante presenciarmos o relato da realização dos seus projetos, a emoção da sua volta em cada momento vivido e ao mesmo tempo registrar este momento no tempo presente. Ao aceitarmos o convite de viajar com o artista na linha do tempo, foi perceptível a oportunidade de viver este momento com a emoção que transbordava em sua narração.

Ao iniciarmos as gravações em seu atelier, sugerimos para não se preocupar com os movimentos e com a luz, pois o que importava era deixá-lo à vontade em seu ambiente, no passeio com a memória na linha do tempo e se habituar com a câmera. A presença deste equipamento interferia, em alguns momentos, tirando-o do local onde estava mergulhado de emoções revividas. Após o quarto dia de gravação, a câmera já fazia parte dos equipamentos presentes no atelier. É importante destacar que as quatro gravações iniciais foram realizadas no período de 4 meses, sendo uma em cada mês. No quinto dia de gravação, juntos escolhemos lugares com a iluminação ideal para o momento da gravação.

Conforme comentado anteriormente, Sergio fala de forma livre, passeia pelas lembranças e traz com emoção seus ensinamentos, suas aulas no atelier e, ao relatar cada atividade, apresenta os materiais guardados das experimentações realizadas pelas crianças e adolescentes que experienciaram momentos da pintura, do desenho e da gravura. Trouxe a experiência e a sensação de ver as fases e os resultados conquistados pelos pequenos artistas que habitaram alguns dias em seu atelier e que, hoje, habitam em sua memória.

Em muitos dias de gravação seus passeios foram direcionados. Em alguns, foram cronológicos; em outros, dependiam dos materiais e trabalhos encontrados nas mudanças realizadas no atelier. Seus relatos ‘estão’ sempre acompanhados dos teóricos, filósofos e mestres que fortaleceram seu desenvolvimento artístico e social, *“foram providenciais para que eu pudesse emergir do meio da floresta amazônica, localizar a cultura como ponto essencial de partida em direção ao mundo sem fronteiras e renascer para a vida criativa, lúdica e*

12 Sergio Moura. Em entrevista concedida à autora em maio de 2023.



alegre”¹³. Relatou que, inicialmente, seu diálogo era constante com os autores Hermann Hesse, Franz Kafka, Khalil Gibran, e logo depois, Wilhelm Reich, Jiddu Krishnamurti, JohannW. von Goethe, Friedrich Schiller, Friedrich Nietzsche, William Blake, “*funcionaram como bússola no período conturbado e efervescente da década de 1970*”, oferecendo uma coragem maior de enfrentamento à política na situação social e econômica do momento, para “*cutucar os militares*”. Novas ideias, Joseph Beuys, Marcel Duchamp, Wassily Kandinsky, Kazimir Malevich, Piet Mondrian.

Quando falou do seu encontro com a arte, em Manaus, lembrou de diversos artistas que contribuíram no campo específico da arte, alguns eram professores e outros mais teóricos. Mestres que conheceu na Pinacoteca do Estado do Amazonas foram decisivos, sendo eles, Moacir de Andrade, Álvaro Páscoa, Manoel Borges, Hahnemann Bacelar. Identificou-se imediatamente com Hahnemann Bacelar e desenvolviam o dia a dia com amizade e parceria. Lembra do amigo que, por tamanha sensibilidade, perdeu-se no mundo imagético, deixando muita saudade.

Ao falar de suas viagens, em Salvador, no momento que esteve no atelier do artista Emanuel Araújo, nos surpreendeu a emoção que aflorou em Sergio Moura ao descrever o seu encantamento com os relevos gravados sobre papel branco. Continuamos a navegar e, ao chegarmos no Rio de Janeiro, falou de diversos artistas e lugares que conheceu. Experienciou as brincadeiras coletivas e criativas de arte apresentadas pelo crítico Frederico Moraes; conheceu o ateliê de Abelardo Zaluar, na Urca, e ficou impressionado ao ver que a área interior de seu local de trabalho era tomada por completo de muitas estruturas, materiais em movimento e ali foi o momento que percebeu um artista envolvido diariamente em sua atividade. Disse que, a partir deste momento, começou a ter muitas ideias em relação à atividade artística. Um momento riquíssimo na nossa viagem na linha do tempo foi conhecer, por meio da narração de Sergio Moura, sobre os artistas que conheceu: Lygia Clark, Hélio Oiticica, Fayga Ostrower, Lygia Pape, Rubens Gerchman.

Em uma pausa, Sergio mostra fotos e, num crescente de emoções, fala do lugar que escolheu para ficar, Curitiba. Nesta cidade, logo conheceu Adalice Araújo (criadora dos Encontros de Arte Moderna), Ivens Fontoura e Luís Carlos de Andrade Lima, mestres que perceberam o seu conhecimento artístico e foram receptivos ao saberem que ele era de outra cidade.

Com o material captado, é hora de verificar o conteúdo e selecionar os momentos da narrativa do documentário. Cada vídeo é identificado e são feitas anotações detalhadas para ajudar na hora de montar o projeto na linha do tempo do *software* de edição. Analisar todas as gravações é fundamental para a compreensão do conteúdo disponível na montagem. Nesse momento, o processo criativo começa a tomar forma, com a definição clara de como cada sequência irá se desenvolver. Esse processo de seleção e edição é fundamental para transformar um conjunto de entrevistas e imagens em uma narrativa coesa e envolvente que capte a atenção do espectador e provoque reflexão sobre o tema abordado.

Após a primeira montagem, a opinião de pessoas não envolvidas com o projeto foi muito importante. Foram realizadas algumas alterações, permitindo aprimorar a estrutura narrativa

13 Sergio Moura. Em entrevista concedida à autora em maio de 2023.



e a mensagem do documentário, pois algumas passagens pediam coerência temática. As falas e imagens de Sergio Moura precisavam se alinhar com a mensagem central a ser transmitida, para o público ter uma experiência clara e impactante e voar junto com o artista no Palácio da Memória.

Considerações Finais

Como destacado inicialmente, esta proposta tem como objetivo apresentar uma exposição dos projetos realizados pelo artista Sergio Moura por meio da realização de um documentário, para o registro dos relatos e dos documentos obtidos no Atelier do artista, ou seja, um filme de arquivo. Falar de memória, de afeto, resgatar a experiência coletiva, assim como o cinema oferece, tanto na realização do projeto fílmico, quanto o espaço de exibição do filme realizado que promove a experiência coletiva.

Os relatos aqui escritos são muito pequenos se comparados com a vastidão de tempo registrado na presença de Sergio Moura. Cada dia de gravação era considerado a partir da confirmação do artista e organizado com antecedência pela Carla Teodorovicz. Na gravação, o total registrado não passava de duas horas, mas o tempo na sua presença era muito maior. Eram encontros entre Sergio Moura, Vida e Arte. Sim, porque Sergio Moura é rodeado de vida e arte com a presença de Priscila Sanson. Ao falar de Priscila, recordamos de um instante em que abriu e apresentou o portfólio de Sergio com luva e muita delicadeza. Priscila estava apresentando um momento da arte de Sergio Moura com muito cuidado, com muito amor. É a sensação experienciada na presença de Priscila e Sergio. É um encontro de Vida e Arte que voam juntos.



FIGURA 5. Frame do documentário Sergio Moura, Vida e Arte Voam Juntos (2025).



Para Sergio Moura, um momento de vida que passa. Um fato. Não, vários fatos. Várias imagens. Vários processos. Guardados. A memória é efêmera. Os momentos são efêmeros. Os processos permanecem em movimento, alteram a posição, a composição, e possibilitam um novo enquadramento. Representa, assim, quem vê e vive o tempo através das janelas da vida, resgatando a luz da memória e transformando em novas possibilidades.

Referências bibliográficas

Almeida, E. A. A. (2011). Cultura é a regra, arte é a exceção. Disponível em:
<http://www.artefazparte.com/2011/06/cultura-e-regra-arte-e-excecao.html>

Anjos, M. dos P., & Araújo, M. (Orgs.). (2015). *Je vous salue, Sarajevo: Godard inteiro ou o mundo em pedaços* (Livro Catálogo). Heco Produções.

Aumont, J. (1995). *A estética do filme*. Papirus.

Bazin, A. (1991). *O cinema: Ensaio* (E. de A. Ribeiro, Trad.). Editora Brasiliense.

Certeau, M. de. (1998). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer* (E. F. Alves, Trad., 3ª ed.). Editora Vozes.

Deleuze, G. (1987). O que é o ato de criação [Conferência]. Vídeo disponível em:
<https://www.dailymotion.com/video/x1dlfsr>

Texto disponível em:



https://lapea.furg.br/images/stories/Oficina_de_video/o%20ato%20de%20criao%20-%20gilles%20deleuze.pdf

Deleuze, G. (2007). A vida como obra de arte. In *Conversações*. Editora 34.

Deleuze, G. (2018). *Cinema 1: A imagem-movimento* (S. Senra, Trad.). Editora 34.

Dubois, P. (2004). *Cinema, vídeo, Godard* (M. A. Silva, Trad.). Cosac & Naify.

Freitas, A. (2018). Excluídos da XV: Vinte anos de regime militar ou a poética da pobreza. In J. Mendonça & J. Souza (Orgs.), *Paraná insurgente: História e lutas sociais – séculos XVIII ao XXI* (1. ed.). Casa Leiria.

Freitas, A. (2022). *Arte de guerrilha: Vanguarda e conceitualismo no Brasil* (2. ed.). Editora da Universidade de São Paulo.

Godard, J.-L. (Diretor). (1993). *Je vous salue, Sarajevo* [Filme].

Godard, J.-L. (Diretor). (2002). *Dans le noir du temps* [Filme]. Odyssey Films, Matador Pictures, Road Movies.

Goto, N. (Org.). (2008). *Circuitos compartilhados: Catálogo de sinopses / Guia de contextos*. Epa!.

Justino, M. J. (1997, abril 1). Sergio Moura: Entre a terra e o ar. *Gazeta do Povo*.

Lumet, S. (1998). *Fazendo filmes* (L. O. Lemos, Trad.). Rocco.

Malmaceda, L. B. (2018). *O eixo sul experimental: Conceitualismo e contracultura nos cenários artísticos de Curitiba e Porto Alegre, anos 1970* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo].

Moura, S. (2005). *Brincando de voar* (P. Sanson, Ilust.). Quadrante Editorial.

Moura, S. A arte de Sergio Moura. Disponível em: <https://aartedesergiomoura.wordpress.com>

Moura, S. Manaus nunca valorizou devidamente os seus artistas. *Pitiú Textual das Artes*. Disponível em: <https://medium.com/pitiutextualdasartes/sergio-moura-manaus-nunca-valorizou-devidamente-os-seus-artistas-edd087d8a68e>

Nichols, B. (2010). *Introdução ao documentário* (M. S. Martins, Trad., 5ª ed.). Papirus.

Porter, R. (2005). Sobre documentários e sapatos (M. Lopes, Trad.). In A. Labaki & M. D. Mourão (Orgs.), *O cinema do real*. Cosac Naify.

Ramos, F. P. (2008). *Mas afinal... O que é mesmo documentário?* (2. ed.). Senac SP.



Rancière, J. (2002). *O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual* (L. do Valle, Trad.). A Autêntica.

Rancière, J. (2010). A estética como política. *Devires*, 7(2), jul./dez.

Silva, A. D., & Sirino, S. M. (Orgs.). (2018). *Cinema brasileiro e educação*. Unioeste.

Sirino, S. M. (2020). Ensinar e aprender a ensinar cinema brasileiro, eis a questão! *Revista Científica/FAP*, 22(1). <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/index>



Regiane Bressan

gianebressan69@gmail.com

O currículo deste autor se encontra no rodapé da primeira página de seu artigo no dossier.



Salete Machado Sirino

saletems@uol.com.br

O currículo deste autor se encontra no rodapé da primeira página de seu artigo no dossier.